

O DÍZIMO E AS OFERTAS

Abdenego da Guia¹

RESUMO

No projeto original de Deus não constava a pobreza como algo planejado para o homem. Mas como o homem aderiu ao pecado, ela veio embutida no pacote do castigo divino. Não obstante, como Deus sempre quis o melhor para o ser que Ele fez com tanta distinção, proveu-lhe várias formas de reverter esse castigo, dentre elas a devolução do dízimo como obediência que traz bênçãos materiais e espirituais.

Palavras-chave: dízimo, oferta, obediência, bênção, maldição.

ABSTRACT

In the original design of God wasn't poverty as something planned for the man. But as the man joined the sin, she came built into the package of divine retribution. Nevertheless, as God always wanted the best for what he did with such distinction, provided several ways to reverse this punishment, including the return of tithing as obedience to bring material and spiritual blessings.

Keywords: tithe, offerings, obedience, blessing, curse.

INTRODUÇÃO

Por envolver dinheiro, o tema da contribuição cristã é um dos mais criticados e rejeitados, principalmente por aqueles que não têm o conhecimento suficiente para entender que é uma determinação divina que traz incontáveis bênçãos para o ofertante.

Pelo que se percebe, a forma como o cristão trata o dinheiro que ganha é diretamente proporcional ao seu nível espiritual, pois, de acordo com os ensinamentos de Jesus a respeito, quem se apegava exacerbadamente ao dinheiro, passa a ser dominado por ele e, conseqüentemente, tem sérias dificuldades em praticar a obediência, a liberalidade, a abundância e a generosidade (Mt 6.19-21; 1 Tm 6.10).

¹ Graduado em Ciências Contábeis pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC. Atua profissionalmente como perito contábil judicial e extrajudicial e é servidor do Tribunal de Justiça do Estado de Alagoas desde 1985, exercendo atualmente a chefia da Assessoria de Planejamento e Orçamento. É membro da Assembleia de Deus em Maceió/AL, onde atua como professor da classe dos obreiros, palestrante, músico e escritor.

Certa vez, Martinho Lutero disse que “Tudo aquilo que retive em minhas mãos perdi; mas o que coloquei nas mãos de Deus tenho até o dia de hoje”.

Paradoxalmente, alguns cristãos preferem investir seu dinheiro na especulação financeira, como forma de fazê-lo render mais, a devolver o dízimo para manutenção da obra de Deus, prejudicando, dessa forma, a expansão do Reino de Deus com maior abrangência.

Por outro lado, há cristãos que entendem que a contribuição financeira é um assunto não-espiritual, e que, por isso mesmo, não deve ser ministrado na igreja e, por causa dessa postura, rejeitam o tema e, conseqüentemente, não colhem os frutos da prosperidade prometida por Deus.

Mas, contrariando esses que assim pensam, a Bíblia nos ensina, em toda sua extensão, que o dinheiro é um assunto totalmente espiritual, haja vista nela está fartamente ensinado quanto às suas múltiplas utilidades.

De acordo com o relato bíblico, o ápice da adoração a Deus sempre envolvia a oferta de alguma coisa ao Senhor, como forma de agradecimento em razão das bênçãos recebidas². Tanto que o primeiro ato de adoração a Deus registrado após a queda de Adão e Eva foi o de entregar-Lhe uma parte do fruto obtido do cultivo da terra e dos primogênitos das ovelhas e da sua gordura (Gn 4.3-7).

No relacionamento com o homem, Deus sempre determinou que a obediência aos Seus mandamentos, inclusive os relativos aos dízimos e às ofertas, fosse prioridade. Quando o homem assim fazia, Deus o cobria com abundantes bênçãos, fazendo-o prosperar³.

Todo autêntico cristão deve ter a consciência do dever de devolver o dízimo e as ofertas, porque tudo o que há no mundo é produzido por Deus, cabendo ao homem apenas a sua administração (Gn 1.28-30).

A devolução do dízimo e ofertas é tão antiga quanto à existência do homem, representando esse ato uma clara e inequívoca demonstração do reconhecimento dos imensuráveis favores divinos, tais como a fertilidade da terra, a colheita farta e, conseqüentemente, a garantia da manutenção da vida, sendo, assim, uma das maneiras práticas de adorar, agradecer e provar que é submisso à determinação divina.

² LIMA, Paulo César, *Dizimista, Eu?* Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 4ª Edição 2001, pp. 7,8,13.

³ CERULLO, Morris, *Bíblia de Estudo Batalha Espiritual e Vitória Financeira*. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2000, p. 9.

Ao se encontrar com Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo, após a vitória em uma guerra, Abrão devolveu o dízimo de tudo, numa demonstração cabal de sua gratidão a Deus por tamanha façanha (Gn 14.20). Aliás, foi nesse episódio que, pela primeira vez, apareceu na Bíblia a expressão “dízimo”, cerca de quatrocentos anos antes da revelação da lei a Moisés, o que nos faz concluir que a prática da devolução do dízimo é anterior à lei entregue a Moisés.

Jacó, que também viveu antes da lei mosaica, prometeu devolver o dízimo de tudo o que Deus lhe desse, sendo este ato mais uma ratificação de que esta prática era recorrente entre os contemporâneos das sociedades primitivas (Gn 28.18-22).

De acordo com a Bíblia, o que Deus cobra de um cristão verdadeiro não é tão somente um ato mecânico de devolver o dízimo e ofertas, como uma mera desincumbência, mas algumas outras práticas que devem compulsoriamente acompanhá-los, a saber:

1) Agradecimento – Deus tem prazer naqueles que nutrem um sentimento espontâneo de gratidão por todas as bênçãos recebidas (Dt 16.17; Sl 103.1,2; 1 Ts 5.18).

2) Reconhecimento – admitir que Deus está acima de tudo e de todos, pois Ele é soberano, e que, por isso mesmo, criou todas as condições necessárias para que a humanidade tenha uma sobrevivência digna e farta, porém, exige que todos se lembrem de devolver o dízimo, por ser a parte que lhe pertence (Lv 27.30,32; Dt 8.10-19).

3) Obediência – entregar o dízimo e as ofertas representa um sacrifício. Porém, esse sacrifício sem a obediência a Deus, além de ser um ato debalde, também traz maldição (Dt 8.19,20; 28.15,16).

4) Prioridade – por causa do desconhecimento generalizado dos cristãos sobre o assunto, infelizmente muitos estão deixando de dar a devida importância e primazia na devolução imediata do dízimo, sob o argumento de que não sobra dinheiro para tal desiderato, esquecendo-se de que essa parte da renda não lhes pertence, mas a Deus, e que, quem assim age, é considerado ladrão e, como tal, tem sobre si as consequências indesejáveis (Mt 3.8-10).

5) Constância – deve ser uma prática rotineira para que a obra de Deus seja sustentada dignamente e não sofra solução de continuidade em suas obrigações (Mt 3.10; 1 Co 15.58).

6) Individualidade – significa que cada pessoa deve assumir essa responsabilidade diante de Deus, pois a prestação de contas será igualmente individual (Dt 16.16; Rm 14.12; Gl 6.7).

O cristão que não prioriza a devolução do dízimo impede que as bênçãos divinas lhe sobrevenham e, conseqüentemente, não tem o sucesso desejado num mercado de trabalho cada vez mais competitivo e muitas vezes injusto e desonesto dos dias atuais. Ademais, mesmo não

devendo imitar o procedimento dos injustos e desonestos, o cristão pode prosperar, desde que nunca se esqueça de adotar Deus como o Senhor de suas finanças (Ml 3.10).

O dinheiro não é a raiz de todos os males, mas produz o mal apenas quando há quebra e desrespeito às leis bíblicas que governam sua circulação.

O que o cristão sempre deve ter em mente é que Deus exigiu e sempre exigirá do homem que O trate como Soberano e Senhor de todo o universo. Assim, fica evidente que Deus permitiu ao homem que poderia desfrutar de tudo que Ele criou, desde que não se esquecesse da devolução do dízimo de tudo o que ganha (Lv 27.30,32).

Enquanto não for entendido que a devolução do dízimo e das ofertas deve ser baseada na gratidão e no reconhecimento e não em um ato meramente mecânico, Deus não abençoará o ofertante. Não se deve esquecer que primeiro Deus aceita o homem para depois aceitar a sua oferta⁴.

A bem da verdade, é de bom alvitre afirmar que Deus não precisa de nosso dinheiro, pois dEle é a prata e o ouro (Ag 2.8). Não obstante, ao determinar a devolução do dízimo, Deus intentava que os seus filhos O reconhecessem como provedor de todas as coisas, admitindo, conseqüentemente, que é totalmente dependente dEle⁵.

Antes de Deus entregar a lei a Moisés, a devolução do dízimo já era uma prática espontânea, fruto de um coração cheio de agradecimento pela provisão divina. Com a promulgação da lei, o dízimo passou a ser uma obrigação nela prescrita, com a finalidade precípua de permanentemente conservar e manter o ministério sacerdotal instituído por Deus (Lv 27.30-34; Nm 18.21). Entretanto, o agente motivador do ato de devolver o dízimo antes da lei não caducou após a sua promulgação, pois qualquer judeu nessa época sabia das bênçãos divinas sobre os que Lhe eram fiéis. Ademais, também era uma forma de demonstrar o seu agradecimento vitalício por causa da libertação do Egito promovida por Deus. Não obstante os judeus terem muitos motivos incentivadores para devolver o dízimo, não podiam esquecer que é o amor a Deus a principal mola propulsora que antecede essa prática.

Ao estabelecer as regras sobre a devolução dos dízimos e das ofertas, inicialmente para os judeus e, por extensão, aos cristãos espalhados no mundo inteiro, primeiramente Deus intentava demonstrar que tem domínio sobre todos os bens conseguidos pelo homem. Segundo, abençoar o ofertante fiel, abrindo-lhe as janelas do céu e derramando sobre ele abundantes e incontáveis benesses, extirpando de sua vida tudo o que possa lhe causar prejuízos (Ml 3.10,11).

⁴ LIMA, 2001, pp. 14,19,20,25,28,29,35,40,41.

⁵ CERULLO, 2000, p. 188.

Terceiro, sustentar a tribo sacerdotal de Levi, pelo fato de essa ter sido separada exclusivamente para o ministério da tenda da congregação e, conseqüentemente, não ter direito à herança material (Nm 18.20-24). Quarto, fazer o homem se desapegar definitivamente do materialismo, da avareza, do egoísmo e da ganância, que são as características predominantes na sociedade hodierna (1 Tm 6.10).

O israelita temente a Deus devolvia o seu dízimo e as suas ofertas com três objetivos:

1) Dar condições plenas para que houvesse a realização do culto no santuário (Ex 36.2-7; 1 Cr 29.1-14).

2) Sustentar os ministros de Deus, pelo fato de eles se dedicarem exclusivamente ao ministério sacerdotal (Nm 18.21; 1 Co 9.13,14; Gl 6.6).

3) Sustentar os pobres (Dt 14.28,29).

O profeta Ageu mostra importantíssimas lições para quem sinceramente quer ser fiel contribuinte na obra de Deus e, concomitantemente, também mostra a maldição reinante na vida de quem deliberadamente deixa Deus em segundo plano na sua lista de prioridades⁶.

Por causa da falta de contribuição para a reconstrução do templo, os israelitas estavam sendo amaldiçoados com fome, escassez e seca. É que, apesar de eles não estarem se opondo a construir o templo, só queriam fazê-lo após a construção de suas próprias casas e desfrutar de prosperidade (Ag 1.2-11). Ou seja, inverteram a ordem e não deram prioridade à obra de Deus e pagaram caro por isso.

Deus se utilizou dos profetas Ageu e Zacarias para mostrar ao povo que, ao agir assim, estava desobedecendo e, conseqüentemente, pecando, e ao mesmo tempo o advertiu para a necessidade de mudança de postura. Por conta disto, o povo se arrependeu e obedeceu à determinação divina, construiu o templo e, conseqüentemente, foi imensamente abençoado (Ag 1.12,14; 2.19)⁷.

Atualmente muitos cristãos estão vivenciando a mesma experiência dos israelitas contemporâneos do profeta Ageu. Apesar de serem conscientes das suas responsabilidades quanto à contribuição para manutenção da casa do Senhor, estão sempre envolvidos com pagamentos e compras daquilo que julgam mais importantes, deixando a parte do Senhor sempre para depois, irritando, dessa forma, a Deus (Ag 1.2,9).

Como Malaquias foi um profeta do pós-exílio, conclamou o povo desobediente ao arrependimento e à espiritualidade sadia, mostrando, principalmente, como conseguir a

⁶ LIMA, 2001, pp. 45,46,47,69,70,71,75.

⁷ CERULLO, 2000, p. 1131.

restauração e uma vida cheia de prosperidade. Nessa época a situação era caótica, pois os próprios sacerdotes não estavam ensinando nem zelando pelo cumprimento das leis de Deus e, conseqüentemente, a Casa do Senhor estava sendo privada da sua glória, dos seus dízimos e das suas ofertas.

Desde a contemporaneidade de Ezequias, que foi rei de Judá, no templo havia câmaras apropriadas para depositar os dízimos e as ofertas do povo (2 Cr 31.11,12; Ne 10.38,39). E se o ofertante morasse longe, era permitido que vendesse as novidades produzidas no campo, e o dinheiro correspondente era trazido ao lugar escolhido pelo Senhor Deus (Dt 14.22-29). Quem devolvia o dízimo Deus abençoava, e quem o retinha, Deus amaldiçoava (Ml 3.7-10). Do ponto de vista bíblico, devolver o dízimo é uma maneira de agradecer a Deus pelas suas dádivas.

Como os dízimos e as ofertas são destinados para a manutenção da casa do Senhor (Ml 3.10) e sustento dos sacerdotes (Nm 18.20-32), devem ser vistos como algo que não pertence mais ao ofertante (Lv 27.28,30).

A prática da devolução do dízimo remonta a um período que atinge o antes, durante e depois da Lei.⁸ É bem verdade que nem Jesus nem os apóstolos deixaram alguma instrução específica sobre o dízimo. Entretanto, Jesus confirma a continuidade da sua prática de forma bem clara, pois Ele não veio para anular a Lei, mas para cumpri-la (Mt 5.17-20; 23.23).⁹

Jesus falou mais sobre dinheiro do que qualquer outro assunto, representando, assim, cerca de 25% de todas as suas prédicas. Em noventa ocasiões registradas no Novo Testamento, Jesus está falando sobre dinheiro. De um total de 109 versículos, que compõem o Sermão do Monte, 22 deles Jesus faz alusão ao dinheiro. E de um total de 49 parábolas proferidas, 24 delas se referem ao dinheiro.

Pelas evidências escriturísticas, infere-se que Jesus era dizimista pelo fato de ter sido criado em um lar liderado por pais judeus tementes a Deus, e como é cediço, os judeus tementes eram dizimistas.

E essas evidências se tornam mais robustecidas pelo fato de Jesus ter sido tachado pelos fariseus de descumpridor da Lei por ter curado em um sábado (Mt 12.9-14), mas não ter sido acusado de não devolver o dízimo.

Ao se referir aos escribas e fariseus, Jesus criticou o fato de os mesmos devolverem o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e desprezarem o mais importante da Lei, que é o

⁸ LIMA, 2001, pp. 80,83,85,86,89.

⁹ RADMACHER, Earl, *O Novo Comentário Bíblico – Novo Testamento*. Rio de Janeiro, Editora Central Gospel, 1ª edição/2010, p. 69.

juízo, a misericórdia e a fé (Mt 23.23). Observe que o que Jesus criticou não foi a devolução do dízimo em si, mas a maneira hipócrita com a qual ignoravam o que é mais importante da Lei. Ou seja, não adianta devolver o dízimo se não houver obediência aos demais preceitos divinos.

Por outro lado, Jesus afirmou que, se a justiça do Seu seguidor não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrará no Reino dos céus (Mt 5.20). Com tais afirmações, fica evidente que Jesus confirmou a prática do dízimo.

Ao contrário do que muitos pensam, o dízimo é um assunto espiritual, sim, pois para ser praticado, é necessário o exercício da fé, haja vista ser considerável o percentual a ser devolvido para Deus. É por isso que o homem no seu estado meramente natural, além de não entender, o critica (1 Co 2.14,15). E um bom exemplo disso foi o jovem rico que queria herdar a vida eterna, porém não estava disposto a abrir mão de suas riquezas para seguir Jesus (Mc 10.17-22).¹⁰ E é interessante perceber que o verdadeiro impedimento para que o jovem se tornasse seguidor de Cristo, não foram exatamente as riquezas que possuía, mas o amor, a confiança e a falsa sensação de segurança e poder atribuídos a elas.¹¹

O trecho do Novo Testamento que melhor detalha sobre o assunto de ofertas é o que está registrado nos capítulos 8 e 9 de 2 Coríntios, quando o apóstolo Paulo, usando as igrejas da Macedônia como exemplo, definiu os princípios balizadores de como e por que todo cristão deve contribuir.

Independente da condição financeira, todos os cristãos podem e devem contribuir para a obra de Deus, pois apesar de os irmãos da igreja da Macedônia serem exacerbadamente pobres (2 Co 8.2), sentiram-se privilegiados por poder contribuir (2 Co 8.4). Foi uma oferta de incontestável sacrifício, pois deram além do que realmente podiam dar (2 Co 8.3), a exemplo da oferta da pobre viúva, que, por ter ofertado tudo o que lhe serviria para o sustento próprio, recebeu elogios de Jesus Cristo (Lc 21.1-4). Se os irmãos da Macedônia tivessem atrelado a oferta à condição financeira de então, não teriam contribuído. É interessante notar que, como os irmãos se entregaram primeiramente ao Senhor antes de contribuir (2 Co 8.5), pode-se claramente concluir que a oferta sem a prévia devoção a Deus é debalde, pois Deus não quer prioritariamente o dinheiro, por ser o dono da prata e do ouro (Ag 2.8), mas uma vida santa do ofertante.

O verdadeiro cristão deve contribuir voluntariamente (2 Co 8.12; 9.2) e com alegria, não com tristeza ou por necessidade, tendo a consciência de que é um imenso privilégio ser um

¹⁰ LIMA, 2001, pp. 90,91,94,83,85,86,89.

¹¹ CERULLO, 2000, p. 1244.

agente ativo do crescimento da obra de Deus. Não se deve contribuir para barganhar com Deus algo do seu interesse particular, pois quando a contribuição é feita com liberalidade e generosidade, inevitavelmente as diversas bênçãos divinas virão sobre a vida do ofertante, pois Deus ama quem assim faz (2 Co 9.7).¹²

CONCLUSÃO

Ao ofertar ao Senhor, analise as reais intenções desse ato, respondendo às seguintes perguntas:

1 – Estou querendo causar boa impressão, receber elogios e ser reconhecido como um bom ofertante?

2 – Estou ofertando só para receber as bênçãos de Deus?

3 – Estou ofertando apenas para cumprir uma mera obrigação?

4 – Estou ofertando apenas porque estou sendo pressionado por alguém?

Agora observe que a motivação biblicamente coerente deve ser:

1 – O amor que você nutre por Deus.

2 – A consciência de adorá-Lo pelo que Ele é.

3 – Reconhecer a importância dEle na sua vida, agradecendo-Lhe por todas as Suas dádivas.

4 – O desejo de glorificá-Lo.

5 – E a demonstração prática de querer obedecer à Sua palavra.¹³

REFERÊNCIAS

LIMA, Paulo César, *Dizimista, Eu?* Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 4ª Edição 2001.

CERULLO, Morris, *Bíblia de Estudo Batalha Espiritual e Vitória Financeira*. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2000.

RADMACHER, Earl, *O Novo Comentário Bíblico – Novo Testamento*, Rio de Janeiro, Editora Central Gospel, 1ª edição/2010, p. 69.

¹² RADMACHER, Earl, *O Novo Comentário Bíblico – Novo Testamento*, Rio de Janeiro, Editora Central Gospel, 1ª edição/2010, p. 468.

¹³ CERULLO, 2000, p. 1167.

